

EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS SIMBÓLICAS: GERANDO MEMÓRIAS E TECENDO HISTÓRIAS DA INFÂNCIA À VELHICE

*Symbolic Sociocultural Experiences:
Generating Memories and Weaving Stories from Childhood to Old Age*

DOI: 10.14393/LL63-v41-2025-5

Cleideni Alves do Nascimento Acco*

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre o papel das experiências socioculturais simbólicas por meio de obras artístico-literárias ao longo da vida. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica com um grupo de senhoras participantes de um projeto de extensão universitária voltado para a terceira idade. Buscou-se identificar as memórias de objetos artístico-literários que compõem o repertório cultural das participantes em experiências passadas, observando que tipos de associações elas estabelecem entre essas experiências socioculturais e as obras recordadas. O conteúdo analisado aponta para a existência de um processo de letramento literário que foi sendo construído através dessas experiências, caracterizado, predominantemente, pela sua natureza oral, coletiva e extraescolar, desde a infância até a velhice das participantes. Essas características estão diretamente relacionadas ao contexto sócio-histórico no qual elas estiveram inseridas no passado e ao contexto no qual estão inseridas atualmente. No que diz respeito à terceira idade, as experiências socioculturais, compartilhadas no contexto do projeto de extensão, ajudam a formar referências sociais positivas que apontam para a vivência de uma velhice mais ativa e significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Experiências socioculturais simbólicas. Memórias. Letramento literário. Terceira idade. Referências sociais.

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the role of symbolic sociocultural experiences through artistic-literary works throughout life. To this end, we conducted qualitative, ethnographic research with a group of women participating in a university outreach project aimed at senior citizens. We sought to identify the memories of artistic-literary objects that make up the cultural repertoire of the participants in past experiences, observing what types of associations they establish between these sociocultural experiences and the remembered works. The findings point to a process of literary literacy that was built through these experiences, predominantly of oral, collective, extracurricular nature, from the participants' childhood to their old age. Such characteristics are directly related to the socio-historical context in which they lived in the past and the social context in which they live currently. As to old age, the sociocultural experiences, shared in the context of an outreach project, help to form positive social references that point to a more active and meaningful old age.

KEYWORDS: Symbolic Sociocultural Experiences. Memories. Literary Literacy. Old Age. Social References.

* Doutorado em Educação (UFMG). Professora assistente do curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus 10). ORCID: 0000-0001-5746-5392. E-mail: clnascimento(AT)uneb.br

1 Introdução

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado, realizada com mulheres idosas no contexto de um projeto de extensão desenvolvido no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus de Teixeira de Freitas. O projeto, denominado *Campus X – Educação – Vida – Terceira Idade* (CEVITI), é direcionado ao público da terceira idade e faz parte do programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), um programa amplamente reconhecido e disseminado em diversas universidades brasileiras.

O crescente processo de envelhecimento da população brasileira e mundial é uma questão que exige atenção. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), conforme mostra o gráfico da evolução dos grupos etários (2010-2060), em meados de 2040, estima-se que o número de pessoas idosas com 65 anos ou mais ultrapasse o número de jovens até 14 anos de idade. O índice de envelhecimento deve chegar a 118,63 idosos para cada 100 adolescentes em 2044. Esses dados revelam que as pessoas estão vivendo por mais tempo, mas a questão que emerge é: será que estão envelhecendo com qualidade?

Diante desse cenário de envelhecimento crescente da população mundial, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) propõe a busca por um “envelhecimento ativo”. “A palavra ‘ativo’ refere-se à participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho” (OMS, 2005, p. 13). Dessa forma, a luta pela participação ativa das pessoas idosas nos diversos âmbitos da sociedade deve ser uma constante, pois ainda há muitos direitos que precisam ser conquistados, principalmente, quando se trata de países com maior disparidade de distribuição de renda.

Diante dessa situação-problema, o lócus e o público dessa pesquisa foram escolhidos a partir dos movimentos e sentimentos que eu, enquanto docente da instituição, observava entre as pessoas participantes do projeto de extensão UATI/CEVITI e que me motivaram a levantar alguns questionamentos e reflexões que me conduziram à elaboração desse estudo. Entre eles, refletir sobre a importância de espaços de sociabilidade como esse para incentivar as pessoas idosas a continuarem construindo novos referenciais sociais. O foco da pesquisa deteve-se nas experiências socioculturais simbólicas, envolvendo o compartilhamento de obras artístico-literárias, prioritariamente, narrativas ficcionais.

Dessa forma, busquei direcionar o viés da pesquisa para a minha área de formação, analisando os efeitos das experiências socioculturais mediadas por diversas formas de expressões artísticas em interface com a literatura. Procurei, ainda, conhecer que tipo de experiências eram essas e quais os aspectos subjetivos e intersubjetivos envolvidos na construção de sentido dessas vivências compartilhadas ao longo da vida e no contexto do projeto de extensão supracitado para cada uma das participantes da pesquisa.

2 Diálogos Teóricos Basilares

A perspectiva teórica que sustenta este estudo defende que as experiências socioculturais, envolvendo expressões artísticas diversas, vivenciadas ao longo da vida, compõem o processo de letramento literário de cada pessoa, caracterizando-se por um movimento contínuo de construção de sentido. Para Paulino (1999), o letramento literário se configura como uma prática social cuja ocorrência perpassa outros espaços sociais, além da escola. Nesse sentido, o conceito de literário se torna mais amplo, extrapolando os limites da educação formal e do texto escrito, abrangendo também expressões da cultura oral, do universo audiovisual, pictórico, lúdico e ficcional. Cosson (2015, p. 182) aponta essa abrangência a partir de uma ressignificação do termo “literário”, que passa a ser “reconhecido como um repertório cultural constituído por uma grande variedade de textos e atividades que proporcionam uma forma muito singular – literária – de construção de sentidos.”

Essa visão mais abrangente do que se caracteriza como literário envolve pensar inclusive os novos meios e mecanismos de expressão e interação social. Nesse sentido, essas experiências socioculturais vivenciadas ao longo da vida apontam para um viés antropológico, pois há uma relação direta entre essas vivências, as memórias das participantes e a constituição da identidade de cada uma delas. Entre as participantes do projeto de extensão UATI/CEVITI, há uma grande diversidade de níveis educacionais que abrange desde pessoas não alfabetizadas até pessoas com formação superior, todas convivendo e compartilhando suas experiências de vida em atividades conjuntas. Considerando que a concepção de letramento literário defendida comprehende uma visão mais ampla do processo, incluindo outras modalidades de linguagem além da escrita, a pesquisa não apresentou, *a priori*, qualquer

critério que restringisse um perfil para as participantes, exceto que estivessem inscritas em alguma atividade do projeto de extensão.

Outro conceito basilar que fundamenta este estudo considera a experiência sociocultural através da arte. Ele refere-se ao processo de simbolização que ocorre entre uma obra artístico-literária e aquele indivíduo que com ela interage e dela se apropria enquanto linguagem (Petit, 2009). A forma de se experimentar a arte teria relação com a subjetividade e com a própria bagagem de vida de cada pessoa e não se trata de uma experiência passiva. Segundo Dewey (2010, p. 83), “significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos”.

Contudo, essas experiências socioculturais, que se tornam significativas e passam a fazer parte da história de vida de cada pessoa, só podem ser preservadas pela existência da faculdade da memória. É pela nossa capacidade de lembrar que conseguimos nos constituir enquanto sujeitos históricos. Candau indica uma relação dialética entre a memória e a identidade:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (Candau, 2012, p. 16).

Ao analisar os relatos das participantes da pesquisa, foi possível observar essa relação entre memória e identidade de maneira muito próxima. De acordo com Bosi (1994, p. 68), “[a] narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória.” O fluxo contínuo de experiências socioculturais, situadas historicamente, gera memórias que, por sua vez, constroem o repertório cultural de cada pessoa. Logo, experiência, memória e identidade se inter-relacionam continuamente.

3 Trilhando os caminhos da pesquisa

A etapa de coleta de dados foi um momento rico de partilha que aconteceu a partir de março de 2022, logo após dois anos de atividades paralisadas em decorrência da pandemia do Covid-19. As alunas do projeto de extensão observado estavam felizes e ansiosas pelo retorno às atividades. Foi nesse contexto, ainda de apreensão e emoção, que eu fiz os primeiros

contatos com as participantes da pesquisa, sete senhoras entre 73 e 83 anos que, muito prontamente, aceitaram o meu convite.

A pesquisa se caracterizou como um estudo qualitativo e, com base nessa abordagem, recorri a um percurso metodológico de natureza etnográfica, assim como utilizei algumas estratégias da pesquisa-ação, com ênfase nos encontros do grupo focal. A coleta de dados foi dividida em três etapas: entrevista inicial, grupo focal e entrevista final. O primeiro contato, através da entrevista inicial, visou conhecer aspectos das trajetórias de vida das participantes em relação às experiências socioculturais envolvendo expressões artístico-literárias, com o intuito de observar se existiria um processo de letramento literário, construído ao longo da vida, por meio dessas vivências. Na segunda etapa da pesquisa, formei um grupo focal com as senhoras e nos encontrávamos quinzenalmente. Foram sete encontros, nos quais compartilhamos diferentes tipos de narrativas, entre elas: narrativas literárias escritas e orais, narrativas de imagens, curta-metragem, poemas narrativos e canções. As participantes eram motivadas a falar livremente sobre os efeitos de sentido que essas obras provocavam nelas, se suscitavam memórias de acontecimentos passados e de que maneira elas relacionavam as experiências passadas com suas vivenciadas na velhice. Na terceira etapa, foi realizada uma entrevista final individual, a fim de que as participantes pudessem expor suas impressões sobre a abordagem adotada ao longo dos encontros do grupo focal.

Neste artigo, por se tratar de um recorte, apresento alguns dados obtidos a partir das análises das entrevistas iniciais apenas. Elaborei um roteiro semiestruturado composto das seguintes partes para a entrevista inicial: dados pessoais; experiências narrativas: memórias de suas vivências literárias na infância e juventude; experiências literárias/poéticas, entre outras; experiências socioculturais de letramento literário no projeto de extensão UATI/CEVITI. As sete voluntárias da pesquisa foram entrevistadas individualmente entre março e abril de 2022.

Os dados coletados nessa primeira fase foram analisados a fim de responder a dois objetivos específicos da pesquisa, quais sejam: identificar os objetos artístico-literários que compõem o repertório cultural das participantes em experiências passadas e presentes; verificar que tipos de associações elas estabelecem entre essas experiências socioculturais e as obras recordadas.

Nas transcrições, optei por preservar a autenticidade da linguagem das participantes, considerando que o modo de se expressar de cada uma delas também caracteriza as marcas de suas identidades. Ainda visando oferecer às senhoras uma participação mais efetiva no âmbito discursivo, as análises partiram sempre do conteúdo revelado através dos depoimentos. O diálogo teórico e analítico foi sendo tecido com base no material que ia emergindo a partir das nossas conversas e, assim, analisei os momentos mais marcantes das experiências simbólicas (Petit, 2009) vivenciadas pelas participantes da pesquisa através das histórias de ficção compartilhadas coletivamente.

4 Efeitos das experiências socioculturais simbólicas experimentadas

Quando uma pessoa conta sobre si mesma, geralmente fala a partir das vivências que compõem a sua história de vida e que foram significativas para ela. Há nesse exercício de revelar-se para o outro uma reconstrução representacional de si mesmo, baseada na recordação de fatos passados. De acordo com Candau (2012), há um consenso entre os pesquisadores que estudam a memória e a identidade em admitir que esta seja uma construção social que acontece em uma relação dialógica com o *Outro*. Também no que concerne à memória, existe igualmente um consenso em reconhecer que ela seria, antes de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel dele.

Outro aspecto que se admite é o fato de haver uma relação indissociável entre memória e identidade, pois toda e qualquer definição de sujeito passa pela reconstituição da sua história de vida, uma história que está ainda em construção, influenciando diretamente na formação da identidade. De acordo com Hall (2006), seria mais apropriado utilizar o termo *identificação* ao invés de *identidade*, considerando que se trata de um processo em andamento.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre a sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (Hall, 2006, p. 38).

Esse conceito de identidade como um processo que se realiza continuamente ao longo da vida, defendido por Hall, dialoga diretamente com a noção de experiência proposta neste estudo.

As experiências socioculturais variam de acordo com o período histórico e com o contexto cultural em que estamos inseridos, logo influenciam diferentemente nossas identidades, que estão em constante processo de formação. Assim, experiência, memória e identidade estão diretamente interligadas, compondo as narrativas de vida de cada sujeito.

As experiências socioculturais, analisadas neste estudo, são simbólicas e se relacionam a eventos sociais que envolvem o universo ficcional, artístico, artesanal, lúdico, representacional e interacional. O objetivo foi analisar como tais experiências foram vivenciadas, sentidas e ainda lembradas pelas participantes da pesquisa. Nesse sentido, segui a perspectiva da Antropologia da memória e identidade proposta por Candau (2012), na qual busca elucidar, com rigor, as modalidades de acesso do homem ao seu estatuto de ser social e cultural, procurando compreender como os indivíduos chegam a práticas, representações, crenças, lembranças, produzindo, assim, em uma determinada sociedade, aquilo que chamamos de cultura. Na visão de Petit (2009), o ser humano está sempre em busca de compreender a si mesmo através da experiência simbólica com outras histórias e, assim, poder olhar para a própria vida em perspectiva.

Compreendendo a narrativa como uma necessidade antropológica e matéria constituinte da identidade humana, desde o início até o fim da vida (Candido, 2004; Petit, 2009; Bruner, 2014), interessou-me explorar as vivências narrativas das colaboradoras, seja como ouvintes, leitoras, contadoras, espectadoras e/ou intérpretes. Assim, busquei saber se alguém contava e/ou lia histórias para elas na infância, que tipo de histórias, se ainda se recordavam e que lembranças eram evocadas a partir delas ou do contexto no qual eram compartilhadas.

Todas as senhoras responderam afirmativamente que alguém contava histórias para elas na infância. Em geral, essas histórias eram contadas predominantemente por familiares próximos, como pais, irmãos mais velhos, tios e tias, ou então pessoas mais velhas conhecidas da família. Essas pessoas tiveram pouca escolaridade; algumas delas estudaram somente o suficiente para assinar seus nomes, fazer cálculos básicos e ler. Esse fator não impedia que elas compartilhassem histórias com seus filhos oralmente. Observa-se que o contar histórias era na época uma prática social coletiva que envolvia muitas pessoas, fosse ela restrita ao âmbito familiar ou a encontros entre vizinhos e conhecidos.

As histórias lembradas pelas participantes da pesquisa são provenientes, em sua maioria, dos contos da tradição oral. Alguns deles, amplamente difundidos na nossa cultura, como: *Branca*

de Neve e os Sete Anões, João e Maria e A Gata Borralheira. Outros, de natureza regional, como: *histórias de Lampião* e *histórias de cordel* (como algumas das senhoras participantes denominavam genericamente). Além destas, também foram citadas as histórias de Pedro Malasartes, um tradicional personagem da literatura portuguesa; os romances de cordel dos personagens *Alonso e Marina*²; histórias em quadrinhos; e também algumas histórias cujos nomes elas não se recordavam.

Embora haja muitas semelhanças em suas trajetórias de infância no que diz respeito à prática de compartilhar histórias oralmente, priorizei os relatos que não somente mencionavam a contação de histórias, mas que contextualizavam a ocorrência dessa prática vivenciada por elas. Esse contexto de compartilhamento das experiências socioculturais é relevante para buscar compreender as relações subjetivas e interpessoais envolvidas nessa prática coletiva.

Começando por dona Lau³: ela relatou que seu pai contava muitas histórias, mas o que se destacou em seu depoimento foi que ele lia para seus filhos. Essas histórias, que ela chama de romances, parecem ser narrativas de amor dos cordéis do romanceiro popular nordestino originários dos romances medievais da Península Ibérica. Naquela época, não era tão comum as famílias adquirirem livros, ainda mais para fazer leituras oralizadas em grupo, mas folhetos de cordel eram amplamente divulgados em feiras, nas ruas das pequenas comunidades, e comprados por preços acessíveis.

Nesse universo interiorano da primeira metade do século passado, compartilhar histórias oralmente era uma prática muito usual. Em uma pesquisa, que teve como objetivo (re)construir o público leitor/ouvinte e os modos de ler/ouvir literatura de cordel entre 1930 e 1950 em Pernambuco, Galvão analisou como a prática comunitária de compartilhar histórias de cordel oralmente influenciou nos processos de letramento de um grupo de pessoas.

As práticas de compartilhamento de histórias orais, nessa época, iam além do ambiente familiar: eram práticas cotidianas de sociabilidade cultural entre os moradores dos vilarejos. Galvão aponta que a popularidade das narrativas orais tinha uma relação com padrões similares de composição dessas narrativas, os quais ajudavam as pessoas a memorizarem as histórias e contá-las oralmente. De acordo com a pesquisadora,

² Conhecidos personagens das histórias de cordel de Leandro Gomes de Barros (1865-1918).

³ Todos os nomes utilizados para identificar as participantes da pesquisa são pseudônimos escolhidos por elas.

[a]s narrativas orais obedecem, como têm demonstrado estudos que se detêm sobre as relações entre oralidade e *letramento*, a certos padrões de composição que auxiliam na *performance* dos poetas, na memorização e na incorporação de temas e valores por parte da audiência. O esquema narrativo é, na maior parte das vezes, mais importante que os detalhes do conteúdo das narrativas. As fórmulas – grupo de palavras nas mesmas condições métricas e que obedecem a um mesmo padrão sintático –, o ritmo e a estabilidade de certos temas e ideias facilitam a tarefa do poeta e auxiliam a audiência na memorização (Galvão, 2002, p. 131).

No caso do relato de dona Lau, o leitor das histórias era alguém muito peculiar, pois ele não sabia escrever. Talvez se tratasse de um caso de um autodidata cujo repertório escrito e oral se entrecruzavam; ou então de uma imagem construída por uma criança de um pai que encenava uma leitura conhecida de memória, decorada, ouvida e cantada no romanceiro dos cordéis de sua época.

[...] Ah, meu pai contava história. A gente reunia pra contá história, né?!
História de Lampião, história de não sei de quê. E a gente brincava muito, né?!
E nas brincadeiras saía umas historiazinha também, né?! ***Meu pai lia muito romance. Lia pra nós romances.*** Ah, eu gostava de ouvir muito romance, era Marina e Alonso. [...] ***Mas eu até assim, depois de casada eu ainda pegava aquele romance velho enfumaçado e lia e recordava, né?!*** (Lau, 2022, grifos nossos).

O fragmento do depoimento de dona Lau revela que compartilhar histórias oralmente era um evento social repleto de afetividade e divertimento, promovendo interações entre ela e sua família. Ao contar que, até mesmo depois de casada, ela pegava “aquele romance velho enfumaçado” para ler e recordar, fica implícito na sua fala o quanto aquela experiência foi marcante, pois, provavelmente, sua recordação não se restringe somente ao enredo da história, mas a todo o contexto sócio-histórico no qual ela era compartilhada. A leitura do referido romance tornou-se para ela uma experiência simbólica significativa. De acordo com Petit (2009, p. 112), “Do nascimento à velhice, estamos sempre em busca de ecos do que vivemos de forma obscura, confusa, e que às vezes se revela, se explicita de forma luminosa, e se transforma, graças a uma história, um fragmento ou uma simples frase”. Revisar o texto do romance seria para dona Lau essa busca pelos ecos do seu passado.

Nas lembranças de dona Maria do Carmo, também há um pai contador de histórias, mas nesse caso ele só contava, não lia.

Meu pai era muito de contar história e falar adivinhada⁴, né?! [...] essas história era na fazenda, então essa lembrança ficou. Parece que eu vejo o lugar. Então essa lembrança ficou muito. [...]Aí quando ele chegava de noite ele tomava um banho, aí deitava no meio da sala, né?! E a gente deitava em volta. Aí ele começava a contar essas história pra gente, né?! E era graça, a gente sorria. Porque em fazenda não tem nada. Naquele tempo não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha nada em fazenda, né?! Não tinha energia. A energia era acendia uma fogueira na porta da casa pra queimar, né?! Pra poder clarear (Maria do Carmo, 2022, grifos nossos).

É interessante observar que ela descreve, com riqueza de detalhes, todo o entorno desse evento social que acontecia durante as noites na casa da fazenda, no período de férias escolares. Na frase “Parece que eu vejo o lugar”, dona Maria do Carmo deixa transparecer sua ligação afetiva não apenas com o lugar em si, mas com todo o cenário que ela descreve, envolvendo o pai, seus irmãos, a fogueira, enfim, todo um ambiente muito peculiar no qual as histórias eram compartilhadas. Para ela, relembrar aquela época parece evocar sentimentos de alegria, ternura e saudade.

Chama a atenção a disposição da roda: o pai que se deitava no meio da sala, provavelmente no chão, para poder descansar. Era uma roda de contação de histórias em que as crianças ficavam deitadas para ouvir. Como essas anedotas eram engraçadas, as crianças se divertiam, como ela mesma expõe: “E era graça, a gente sorria”. Nesse caso, é possível observar que há uma transmissão de histórias somente através da oralidade. O pai de dona Maria do Carmo, possivelmente, ouvia essas histórias de algum familiar na sua infância. E ela, mesmo aos 83 anos (2022) de idade, ainda conseguia se lembrar e contar as histórias que ouvia do seu pai.

Nos relatos de dona Lau e dona Maria do Carmo, é possível observar que há uma predominância do compartilhamento de histórias orais no ambiente familiar. Essa prática revela uma forma de letramento literário extraescolar. De acordo com Galvão,

[...] mesmo entre as camadas pouco escolarizadas e associadas ao mundo da oralidade, práticas de *letramento* eram vivenciadas, independentemente da escola, dos intelectuais, dos movimentos sociais organizados. A pesquisa mostra, ainda, como vários estudos têm buscado discutir, que são pouco complexas as análises que tendem a dicotomizar o oral e o escrito, atribuindo a essas duas dimensões constitutivas da cultura características que lhes seriam naturalmente inerentes. O que parece ocorrer, para usar a expressão de Bakhtin (1993), é uma circularidade entre os dois aspectos em uma mesma

⁴O termo “adivinhada” refere-se às adivinhas, à prática oral de fazer charadas.

cultura, em uma mesma época, não parecendo existir nem um contínuo, nem uma progressão, nem uma hierarquização entre eles (2002, p. 137).

De maneira semelhante, essa relação de ‘circularidade’ entre o oral e o escrito pareceu ser muito presente, principalmente na infância e na juventude das participantes desta pesquisa. Elas transitavam entre as experiências da oralidade com familiares e amigos e as experiências com a escrita na escola.

Nas memórias de dona Elisabete, além das irmãs mais velhas que contavam histórias, o diferencial era que as crianças buscavam pessoas para contar histórias na rua. Em um contexto de cidade do interior, ainda sem energia elétrica, a vizinhança saía para sentar-se nas calçadas à noite para conversar e se distrair um pouco.

História a gente sempre ouvia, né?! Assim, as minhas irmãs mais velhas tinha as história, só que eu lembro de poucas. [...] Eu lembro mais assim que só me chamava atenção mesmo porque a gente andava. Era aquele grupo de meninas. Como lá na cidade que eu morava não tinha energia, depois de eu já grande foi que colocaram o motorzinho. E a gente ficava na rua, né?! Ali sentada e pra gente divertir ficava pedindo as pessoas: conta história pra nós (Elisabete, 2022, grifos nossos).

No relato de dona Elisabete, observa-se que tal cenário de sociabilidade cultural parece ser uma recordação muito agradável para ela. E, além da característica de um padrão de composição apontada por Galvão (2002), possivelmente, essas histórias eram contadas com muita frequência, o que também facilitava a tarefa de memorização e propagação.

Nas memórias de infância das participantes da pesquisa, é possível observar que as experiências socioculturais ligadas a narrativas ficcionais predominavam no contexto familiar e social mais do que no contexto escolar. E, de acordo com essas memórias, nessa fase da vida, elas foram bem mais ouvintes do que leitoras de histórias. Há uma estreita relação entre essas experiências socioculturais e o contexto histórico da época. Vale lembrar que estamos falando de meados do século XX. Nessa época, o modo de vida rural e interiorana correspondia à grande parte das famílias brasileiras. Em vários depoimentos, é possível constatar a centralidade da oralidade no acesso a narrativas que compõem a bagagem cultural das participantes da pesquisa, algumas delas mediadas por impressos, e que engendram práticas culturais que compõem camadas de suas vidas.

No que diz respeito às experiências socioculturais com narrativas ficcionais envolvendo a escola, verificou-se que, nas memórias das participantes, sobressai o seu papel, naquela época, restrito à alfabetização com objetivos bem limitados de ensinar a ler, escrever e fazer as quatro operações matemáticas. As participantes mencionaram que usavam apenas as cartilhas e os livros de conteúdos específicos (livros didáticos) no ambiente escolar. Livros de histórias de ficção e/ou poesia não foram mencionados.

Por outro lado, quando perguntadas se costumavam ler histórias de ficção na infância e na juventude, a maioria delas respondeu que sim, mas os livros eram adquiridos, quase sempre, por alguém da família ou então por elas mesmas. Mais uma vez, no que diz respeito ao processo de letramento literário das participantes, suas experiências se concentraram no âmbito familiar. Dona Bela e dona Maria do Carmo, por exemplo, contaram que suas leituras preferidas eram das histórias em quadrinhos. No caso delas, os livros e as revistinhas de histórias em quadrinhos eram adquiridos pelos pais: “**História em quadrinho que eu gostava mais, viu?!** [...] é acho que todo mundo, né?! Toda criança mais gosta de história em quadrinho, né?! Quer dizer, as figurinhas porque a gente via as figurinhas e tal, né?! (Bela, 2022, grifos nossos). Dona Maria do Carmo contou que ainda mantém guardadas algumas dessas histórias em quadrinhos: “**Aqueles livros de quadrinhos. Vixe Maria, eu faltava comer aquilo! Até hoje eu ainda tenho guardado uns.** Eu acho que era por causa das figuras, da maneira de ler que a história ficava muito nítida na cabeça, né?!” (Maria do Carmo, 2022, grifos nossos).

É perceptível, em suas palavras, o gosto pelas histórias em quadrinhos, e ambas destacaram as “figurinhas” como um elemento de atração para as crianças. Isso também revela o valor simbólico (Petit, 2009) que essas experiências de leitura do passado tiveram para ela. A frase “Vixe Maria, eu faltava comer aquilo！”, em tom enfático, mostra a grande satisfação que a leitura de histórias em quadrinhos lhe proporcionava, revelando uma fome figurada por narrativas de ficção. Esse desejo de se apropriar da obra revela o que Dewey (2010) comprehende como uma experiência através da arte. Tal experiência se torna significativa, ou não, a depender da história de vida que compõe a subjetividade de cada leitor.

Ainda no que diz respeito à leitura, Dona Lurdes falou sobre a sua preferência por romances e fotonovela⁵, revelando que guarda alguns livros da época da sua juventude; e que ainda gosta de lê-los antes de dormir. Dona Neiva contou que também gostava de ler romances, histórias de fantasia, mas que, por causa de um problema na visão, já não consegue ler como antes. Já dona Clemência gostava de ler histórias de cordel e lendas. Dona Lau e dona Elisabete não citaram qualquer gênero específico de história ficcional, elas contaram que havia somente os livros de estudo na escola, as cartilhas.

Sobre as leituras rememoradas, verifiquei que as voluntárias tiveram acesso a livros ficcionais de maneira bem modesta, até porque ter uma biblioteca em casa era acessível somente para as famílias mais abastadas. Nem mesmo na escola, elas tiveram contato significativo com esses materiais, como mostram os depoimentos. Logo, não havia circulação de livros literários na escola e, na maioria dos relatos, nem mesmo bibliotecas escolares. O material utilizado se limitava aos livros didáticos ou, em muitos casos, somente à cartilha de alfabetização.

Ao analisar os perfis das participantes da pesquisa no que diz respeito a ouvir e ler histórias, parece haver, nos exemplos observados, mais aproximações do que diferenças quanto às práticas que envolviam narrativas literárias na infância. Existia entre as famílias o costume de transmitir as histórias oralmente de uma geração a outra e, dessa forma, o uso da voz como o único “suporte” na difusão das histórias era predominante. Esse modo característico de contar e ouvir histórias refletia as condições materiais e tecnológicas do contexto histórico da época, no qual predominavam modos de compartilhamento cultural de contação de histórias provenientes da tradição oral. Esses dados apontam para um processo de letramento literário extra escolar e voltado para a oralidade, indo ao encontro da concepção de letramento literário defendida por Paulino (1999) e Cosson (2015). Ambos os autores compreendem o letramento literário como um processo de construção de sentidos que se efetiva individual e socialmente e não se restringe à modalidade escrita da língua. Essas experiências passadas, constitutivas das identidades dessas senhoras, são fundamentais para

⁵ Considerada um subgênero da literatura, a fotonovela é uma narrativa mais ou menos longa que conjuga texto verbal e fotografia. A história é narrada numa sequência de quadradinhos (como a banda desenhada) e a cada quadradinho corresponde uma fotografia acompanhada por uma mensagem textual.

a compreensão de como elas se relacionam na atualidade com narrativas ficcionais construídas por diferentes linguagens.

As famílias das colaboradoras, por serem numerosas, se constituíam como núcleos de experiências socioculturais nos quais as brincadeiras e as rodas de contação de histórias ainda se conservam de modo muito vivo em suas memórias. Para essas mulheres, a interação familiar, em momentos lúdicos ou de lazer, revela, nos discursos das entrevistadas, um forte envolvimento com o mundo ficcional em práticas culturais possíveis naqueles contextos e que, embora simples, eram permeadas por muita afetividade e forte sentimento de pertencimento ao grupo social familiar e comunitário.

Uma característica interessante das memórias que foram por elas evocadas é o humor. Parece haver um caráter seletivo na rememoração do passado que seleciona histórias que despertam o riso. O passado é, assim, lembrado como uma fonte de prazer. Dona Maria do Carmo, por exemplo, destacou as histórias do cômico personagem Pedro Malasartes, representado na voz do seu pai. Essas memórias divertidas parecem trazer à tona sentimentos de alegria, saudade e satisfação. São lembranças que podem ter se tornado memoráveis, justamente, pelas relações afetivas e pelos bons sentimentos por elas despertados, que, a cada lembrança, reforçam e renovam os vínculos de afeto.

Ao longo da pesquisa, foi possível observar que as voluntárias relacionaram suas memórias do passado a experiências socioculturais coletivas vivenciadas em diferentes fases da vida e em contextos sociais diversos. Bosi (1994) analisou as memórias de velhos a partir de quadros sociais, observando que, embora a memória seja individual, ela é construída coletivamente, considerando-se os diversos espaços sociais nos quais o sujeito vive. “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (Bosi, 1994, p. 54). O repertório cultural rememorado pelas participantes da pesquisa aponta para as relações intersubjetivas construídas através das experiências socioculturais vivenciadas.

Quando perguntadas se já assistiram ou participaram de alguma encenação ou apresentação artística ao longo da vida, surgiram respostas diversas. Dona Neiva disse que nunca participou de encenação alguma, mas que se recorda de assistir aos espetáculos de circo

na sua infância; e depois ela, juntamente com suas colegas e com a ajuda de uma tia, organizava no quintal de casa um espetáculo próprio. “A gente criava, a gente ia pro circo, a gente aprendia as coisas que passava no circo e repetia. [...] adorava fazer essas coisas” (Neiva, 2022). Essa fala de dona Neiva demonstra a forte influência que o circo exerceu na vida cultural das pequenas cidades em meados do século passado. O universo circense parecia criar um ambiente de encantamento e novidade que mexia muito com o imaginário das pessoas, principalmente das crianças.

Dona Lurdes e dona Clemência mencionaram as experiências vivenciadas no contexto do projeto de extensão como as primeiras encenações que fizeram nas suas vidas. Dona Lurdes contou sobre a peça de teatro “Julietta e Romeu”, na qual ela interpretou o personagem Romualdo. Já dona Clemência falou que tanto a primeira encenação a que assistiu quanto a primeira de que participou foram ambas no projeto de extensão. Sua primeira encenação foi em uma festa de São João, na qual ela interpretou o pai da noiva na dança da quadrilha. Ela também citou sua participação no coral e no grupo Rodopiando na Cultura Popular Brasileira, ambas oficinas da UATI/CEVITI. As duas senhoras tiveram suas primeiras *performances* artísticas já na terceira idade e provavelmente essas experiências foram desafiadoras para elas. Dona Lurdes, por exemplo, revela que gostou muito da experiência de atuar em uma peça de teatro: “Foi muito bom, muito bom mesmo a apresentação. Ah, eu senti toda importante, né?! Porque tava meu povo tudo, meus neto, meus filho, né?!” Vale ressaltar a relevância desse projeto de extensão não apenas como um espaço de inclusão social, mas, principalmente, como um espaço que proporciona novos saberes e experiências socioculturais significativas para a pessoa idosa, conforme foi possível observar na fala de dona Lurdes.

As demais participantes, dona Lau, dona Maria do Carmo e dona Elisabete, mencionaram experiências de participação artístico-cultural desde a época da escola. Dona Lau, por exemplo, falou sobre uma dessas experiências que foi marcante na sua adolescência. A partir da aula de drama, que havia na escola, ela levou um roteiro para a fazenda onde morava para fazer a encenação do São João.

[...] nessa fazenda onde a gente morava, São João era muito, era muito festejado e a gente sempre inventava as coisas. E quando eu estudei na no município de Medeiros Neto na Zelândia, eu fiquei na casa do meu tio e lá **eles fazia, falava, falava drama**. Eu não sei como é que vocês falam não. É tipo um teatro. Era. Aí a gente eh eu sei que eu trouxe as cópia e coisa e tal. **E teve o**

São João que a gente fez um São João todo encenado assim, envolveu toda a vizinhança, as criança, adulto, foi assim muito bom (Lau, 2022, grifos nossos).

É interessante observar que uma atividade cultural proposta pela escola consegue extrapolar esse espaço e se torna uma experiência sociocultural de uma determinada comunidade. Mais uma vez, é importante destacar o valor simbólico dessa experiência, pois dona Lau se apropria do texto compartilhado na escola e o utiliza para representar a tradição do São João tão valorizada pela sua comunidade rural.

Outra experiência sociocultural envolvendo a escola foi narrada por dona Elisabete, que falou sobre a sua participação nos festejos da celebração do Dia da Independência do país.

[...] na escola assim, apresentação artística não, mas tínhamos umas apresentaçõzinha aqui, época de sete de setembro, né?! A gente sempre apresentava no nos desfile como a gente às vezes recitava poesias e eu lembro que foi uma poesia meio que eu nunca esqueci dela. "Meus oito anos". [...] Eu recitei ela em cima de um caminhão com microfone. [...] Ela nunca saiu da minha mente. Quando eu vejo ela, eu lembro. Ela é grande. Eh começa "Ai que saudade que eu tenho da Aurora [...]" . Mas eu recitei ela tão bonito, meu pai ficou numa felicidade que eu nunca esqueci disso (Elisabete, 2022, grifos nossos).

O depoimento de dona Elisabete revela como a participação em eventos culturais dessa natureza podem ser atravessados por momentos afetivos, como o da felicidade estampada na expressão de seu pai, a qual ficou registrada em sua memória. Há nessa experiência sociocultural, vivenciada na infância, um forte vínculo entre o desafio da *performance*, seu êxito e, especialmente, a satisfação e o orgulho expressados pelo seu pai. Na sua lembrança, aquele evento congela um sentimento de afeto entre pai e filha.

Ainda que sejam momentos e contextos diferentes de suas vidas, pode-se dizer que as lembranças dessas experiências socioculturais da infância e da adolescência, e as experiências vivenciadas na velhice, através das oficinas do projeto UATI/CEVITI, são igualmente importantes e especiais para cada uma delas, pois, mais do que atividades lúdicas, elas ajudam a aumentar a autoestima, a autoconfiança e também a se ressocializar. Considerando-se que guardamos em nós aquilo que nos afeta, que nos move, que nos comove e que, mesmo com o passar do tempo, nos diz algo, o repertório cultural de cada pessoa seria relativo à sua própria trajetória de vida imersa em uma determinada cultura. Sobre isso, Bruner argumenta que

[...] as narrativas que contamos a nós mesmos, que constroem e reconstroem o nosso eu, são atinentes às culturas em que vivemos. Por mais que confiemos em um cérebro em funcionamento para alcançar nossa individualidade, somos praticamente desde sempre expressões da cultura que nos nutre (Bruner, 2014, p. 97).

Logo as memórias recuperadas por essas senhoras expressam momentos verdadeiramente significativos na construção das suas identidades ao longo do tempo.

Vale lembrar que a pesquisa realizada se insere no contexto de um projeto de extensão que vem oferecendo, ao longo dos seus quase 30 anos, oficinas e cursos de natureza diversa. Desde 1997, o projeto vem desenvolvendo atividades diversas, como educação de adultos, oficinas artesanais, canto e expressão, teatro, ginástica, palestras, seminários, dinâmicas e vivências, atividades de inclusão digital, sessões de arteterapia e de vídeo, passeios e viagens e participação em manifestações culturais e regionais. O projeto se configura como um espaço de educação permanente e de atualização do idoso nas diversas áreas do conhecimento, ampliando sua cidadania e melhorando a sua qualidade de vida. Contudo, o recorte da pesquisa recai sobre as experiências socioculturais envolvendo as diversas manifestações artísticas. Assim, é importante salientar que as sete voluntárias da pesquisa participaram de oficinas variadas envolvendo o letramento de adultos, teatro, oficinas de artes manuais, arteterapia, canto, dança e participação em um grupo folclórico da cultura popular brasileira.

Então, considerando essas vivências, as senhoras foram questionadas sobre o que significava para cada uma delas a participação no projeto de extensão para a terceira idade. Percebe-se que as experiências socioculturais que tiveram no projeto foram mais que um passatempo ou uma distração, conforme se pode observar nos relatos de dona Lau e dona Elisabete. Essas experiências, vivências e convivências parecem tocá-las em seu interior e provocar transformações positivas que se revelam exteriormente:

A gente conhece as pessoas, a gente se sente mais leve na dança, nas aulas de dança [...]. Eh, eu acho porque eu era muito tímida, sou até hoje. E parece que eu me, me me descoisei mais, né?! Me destravou aquela coisa que me travava em vez de falar ou apresentar (Lau, 2022, grifos nossos).

E eu falo que ali foi um remédio pra mim, né? Que eu adquiri saúde através do CEVITI. [...] meu marido faleceu, com três meses minha mãe morreu. E eu passei muito, muito mal nessa época e fui acolhida com o CEVITI. E até hoje eu falo que aquilo ali não teve experiência melhor em minha vida do que o CEVITI (Elisabete, 2022, grifos nossos).

Dona Lau relata que, a partir de uma atividade envolvendo a dança, conseguiu desenvolver mais sua autoconfiança, inclusive para se expressar e fazer apresentações em público. Já dona Elisabete conta sobre um momento trágico pelo qual passava quando ingressou no projeto. Sua primeira experiência foi com as sessões de arteterapia, que ela revela que a ajudaram a encontrar um sentido para a sua vida. De acordo com Dewey, a experiência artística singular pode nos deslocar de nós mesmos, e, ao voltarmos, certamente, voltaremos diferentes. “Somos como que apresentados a um mundo além deste mundo, o qual, não obstante, é a realidade mais profunda do mundo em que vivemos em nossas experiências comuns. Somos levados para além de nós mesmos, a fim de encontrarmos a nós mesmos” (Dewey, 2010, p. 351). Nos relatos de dona Lau e dona Elisabete, é possível observar que as experiências socioculturais vivenciadas foram transformadoras, ajudando-as a superar limitações e traumas passados.

Outro ponto evidenciado por dona Elisabete foi o caráter permanente do projeto: “antigamente a gente participava de uma coisinha ali, mas era rapidinho acabava aquilo. E o CEVITI não, foi permanente” (Elisabete, 2022, grifos nossos). Isso é realmente importante na velhice, considerando-se que as pessoas idosas acabam tendo mais tempo ocioso e necessitam de projetos como esse que ofereçam atividades continuamente.

Após analisarmos partes de alguns depoimentos das voluntárias da pesquisa em relação a como elas avaliam a experiência vivenciada no contexto do projeto de extensão, podemos tirar algumas conclusões sobre a relevância do projeto em suas vidas. Partindo do princípio do projeto, que é ofertar cursos, oficinas e organizar eventos que envolvam a comunidade idosa, observamos que seu alcance vai muito além de um espaço de aprendizagem apenas. As senhoras apontam o projeto como um importante espaço de interação social para as pessoas idosas, onde elas podem conversar, divertir-se e fazer novas amizades. Tudo isso lhes proporciona um estado de bem-estar, trazendo alegria, sentimento de pertença àquela comunidade e até cura de estados emocionais fragilizados. Por se sentirem bem, acolhidas e se identificarem com aquele espaço, elas costumam permanecer por longos períodos de tempo.

5 Considerações finais

Após ouvir os relatos e analisar algumas experiências socioculturais vivenciadas ao longo da vida pelas participantes do projeto UATI/CEVITI, foi possível verificar que existe um processo de letramento literário experimentado por elas, caracterizado, predominantemente, pela sua natureza oral, coletiva e extraescolar. Essa característica está diretamente relacionada ao contexto sócio-histórico no qual elas viveram durante a infância e juventude. As experiências socioculturais que compõem seus repertórios culturais daquela época são basicamente da tradição oral, tais como: contos populares, causos regionais provenientes das narrativas de cordel, causos de humor, eventos culturais como festas juninas e apresentações cívicas e brincadeiras de infância. Verifica-se também a forte influência de aspectos intersubjetivos, pois, ao relembrar o contexto dessas experiências socioculturais, as participantes da pesquisa expressaram sentimentos positivos envolvendo os círculos sociais dos quais participavam, em sua maioria, restrito ao âmbito familiar e aos círculos de amizades.

No que se refere às experiências socioculturais vivenciadas no projeto observado, verifica-se que seu alcance vai muito além de um espaço de aprendizagem. As senhoras apontam o projeto como um importante espaço de interação social para as pessoas idosas, onde elas podem conversar, divertir-se e fazer novas amizades. Tudo isso lhes proporciona um estado de bem-estar, trazendo alegria, sentimento de pertença àquela comunidade e até cura de estados emocionais fragilizados. Por se sentirem bem, acolhidas e se identificarem com aquele espaço, elas costumam permanecer no programa por muito tempo.

Como as senhoras participantes da pesquisa pertencem a uma mesma geração, muitas das suas experiências se assemelham e isso colabora para uma maior identificação e interação entre elas. De acordo com Bosi, “As lembranças grupais se apoiamumas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal” (Bosi, 1994, p. 414). Assim, pode-se dizer que os encontros no projeto UATI/CEVITI se tornaram, para as pessoas idosas, também um espaço para recuperar as referências sociais do passado através do compartilhamento de histórias de vida.

No entanto, o mais importante é que, com as diversas experiências socioculturais propostas pelo programa, elas conseguem construir novas referências sociais a partir das aprendizagens e convivências compartilhadas no presente. De acordo com Petit, “ao longo da

vida, para construir um sentido, para nos construirmos, jamais deixamos de contar, em voz alta ou no segredo da nossa solidão: nossas vidas são completamente tecidas por relatos, unindo entre eles os elementos descontínuos" (2009, p. 122). Assim, como seres narrativos, atravessados por uma diversidade de relatos, estamos em contínua formação. Nesse sentido, os novos acontecimentos, vivenciados em comum em espaços de sociabilidade como o projeto UATI/CEVITI, são imprescindíveis para que as pessoas idosas possam continuar a formar referências sociais através de uma vivência ativa e criativa da sua velhice, não apenas olhando para o passado, mas, principalmente, vislumbrando um futuro.

Agradecimentos

Meu agradecimento à agência de fomento CNPq, que financiou esta pesquisa. Agradeço também a minha orientadora, professora Maria Zélia Versiani Machado.

Referências

ACCO, C. A. do N. **Letramento literário e experiências socioculturais:** memórias e narrativas compartilhadas entre alunas da universidade aberta à terceira idade. 2024, 232f. (Tese de doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/75907>. Acesso em: 11 dez. 2025.

BELA. **Entrevista.** Teixeira de Freitas (Bahia), 17 março. 2022.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRUNER, J. **Fabricando histórias:** direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CANDAU, J. **Memória e identidade.** Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos.** 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CLEMÊNCIA. **Entrevista.** Teixeira de Freitas (Bahia), 16 março. 2022.

COSSON, R. Letramento literário: uma localização necessária. **Letras & Letras**, v. 31, n. 03, p. 173-187, jul.-dez. 2015. Disponível em:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/30644/16712>.
Acesso em: 04 nov. 2020.

DEWEY, J. **Arte como experiência.** Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELISABETE. **Entrevista.** Teixeira de Freitas (Bahia), 15 mar. 2022.

GALVÃO, A. M. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950). **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 115-142, dez. 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da população por sexo e idades, em 1º de julho – 2010/2060.** 2020. Disponível em:
https://ftp.ibge.gov.br/Projecao_da_Populacao/Projecao_da_Populacao_2018/projecoes_2018_populacao_2010_2060_20200406.ods. Acesso em: 18 set. 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022 – IBGE.** 2022. Disponível em:
<https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 09 abr. 2024.

LAU. **Entrevista.** Teixeira de Freitas (Bahia), 21 mar. 2022.

LURDES. **Entrevista.** Teixeira de Freitas (Bahia), 28 mar. 2022.

MARIA DO CARMO. **Entrevista.** Teixeira de Freitas (Bahia), 31 mar. 2022.

NEIVA. **Entrevista.** Teixeira de Freitas (Bahia), 07 abr. 2022.

OMS – Organização Mundial de Saúde. **Envelhecimento ativo:** uma política de saúde. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PAULINO, G. **Letramento literário:** cânones estéticos e cânones escolares. Caxambu: ANPED, 1999.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

Recebido em: 10.03.2025

Aprovado em: 23.04.2025